ANTROPOLOGIA ECOSSISTÉMICA

por

Nuno Grande*

A possibilidade de estudar as características morfológicas e funcionais humanas resultantes da resposta homeostática às condições ambientais permite compreender a diversidade da nossa espécie em função da distribuição geográfica.

Esta perspectiva ecossistémica abre um campo de investigação com implicações susceptíveis de impor normas culturais na relação dos grupos populacionais que habitam os territórios nas diversas latitudes do nosso planeta.

Algumas pesquisas que concretizei durante o período de tempo que trabalhei em Angola permitiram-me compreender que os africanos estão biologicamente preparados para viver em África.

De facto, o equilíbrio dinâmico denominado homeostasia, é feito em circunstâncias normais pelos sistemas neurovegetativo e endócrino.

Nos negróides é o sistema nervoso vegetativo quem realiza o maior papel naquele equilíbrio. Por isso, os sistemas geradores da resposta automática de contra regulação, como o corpúsculo carotídeo, são mais diferenciados e volumosos que nos caucasianos.

Ao contrário, a camada medular da glândula suprarrenal que produz adrenalina e nor adrenalina, hormonas decisivas na resposta homeostática, é muito reduzida nos africanos negros, quando comparada com os europeus brancos.

Esta diferença traduz a adaptação antropológica à incidência da luz solar, para a qual a melanina é fundamental. Por isso, o negroide tem maior quantidade daquele pigmento onde é necessário, como por exemplo na pele, na retina e no locus níger do sistema nervoso central.

De facto, o amino ácido tirosina é necessário para produzir a melanina e a adrenalina, pelo que se é predominantemente usada na síntese daquele pigmento não permite a produção da catecolamina.

---

* Prof. jubilado da Univ. do Porto. Sócio honorário da SPAE.

Por este facto, os africanos negros têm um ritmo circadiano diferente dos brancos pelo que deveriam realizar um maior número de tarefas a partir do fim do dia.

De igual modo, as características do aparelho respiratório traduzem a adaptação ao ar quente e húmido necessário às trocas gasosas nos alvéolos pulmonares. Dado que estas características já existem na atmosfera, o espaço morto anatómico que vai das fossas nasais aos bronquíolos respiratórios é de menores dimensões nos negroides que nos caucasiano. Por isso, as fossas nasais são mais largas, o nariz mais curto, o comprimento laringo traqueal menor, o que determina ser a coluna cervical mais pequena na metade inferior, com as consequentes alterações arteriais e venosas.

Estudei estas características morfológicas e funcionais em africanos negros de Angola durante nove anos de estudos anatómicas em cadávers de adultos, sem nenhuma especificidade genética.

Parece, contudo, ser evidente que as características descritas resultam da adaptação ancestral e transmissível a algumas propriedades ecossistémicas do continente africano.

Esta orientação poderá vir a explicar o comportamento biopatológico de alguns grupos, como os bantus, face à patologia vascular, pelo que será importante prosseguir alguma investigação já iniciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LANGANEY, ANDRÉ (1994). *Os homens, passado, presente, condicional.* Ed. Gradiva, Lisboa.

GRANGE, NUNO; CASTELO-BRANCO, NUNO; ALVES RIBEIRO (1982). "Coronary Arterial Circulation in the Bantu". *Ohio J. Science,* 84 (4)146-151.

DE REUCK ANTHONY AND KNIGHT, JULIE (1967). *Caste and race. Comparative Approaches.* Ed. Ciba Foundation, J. e A. Churchill Ltd, London.

RIDLEY MARK (1993). *Evolution,* Blackwell Scientific Publications, Oxford.